



## Brincadeiras não têm sexo

***Oferecer às crianças oportunidade de viver diferentes papéis contribui para a construção da identidade, tema a ser trabalhado no dia-a-dia e não necessariamente em um projeto específico.***

Muitos pais já se depararam com meninas que gostam de jogar futebol e meninos que preferem uma boneca a um carrinho. A situação pode ser comum, mas a atitude tomada pelos pais e educadores diante dela varia bastante. Para muita gente, essas crianças não estão cumprindo bem o papel definido pela sociedade para o sexo feminino e o masculino. Helena Gasnoch, 4 anos, adora jogar futebol, não foi repreendida pelos professores com frases do tipo “mais modos, menina!” e “princesinhas não jogam bola”. Nem o Super-Homem Lucas Abrão Martins, 4 anos, que gosta de brincar de boneca, ouviu que “casinha é coisa de menina”.

São os adultos que esperam de meninos e meninas comportamentos específicos. Os pequenos não estão nem um pouco preocupados com as regras que definem papéis diferentes para eles ou elas. O que querem é se divertir! Por sinal, até os 3 anos, em média, as crianças não encaram as características biológicas como diferenças. Mas, se repreendidas ou ridicularizadas quando não fazem as escolhas consideradas corretas, aprendem, além de homens e mulheres não serem iguais, que existe um modelo de masculinidade e feminilidade e uma relação de poder entre eles. E aí de quem ousar romper com valores construídos há séculos!

Trabalhar esses padrões e expectativas é função dos pais e professores porque disso depende também a construção da identidade dos pequenos. Essa tarefa se cumpre nas relações do dia-a-dia. A formação da identidade passa pela descoberta do próprio corpo, de sua importância no mundo e da individualidade, mas também pela observação de atitudes, costumes, referências e exigências em casa e na escola.

### **Como na vida real**

O maior medo dos pais que vêem seus garotos brincando de casinha é de que eles se tornem homossexuais. Esse é o principal argumento dos que se indignam e defendem a intervenção rápida e firme, da escola nessa situação. “Há professores que questionam os modelos sociais e acabam interferindo nas atividades consideradas inadequadas para atender às famílias. Esse comportamento é resultado de sua própria vivência em casa”, explica Ana Maria Niemeyer, da Universidade de Campinas (Unicamp). É realmente difícil romper padrões tão enraizados, mas essa postura é ultrapassada. Pessoas que estudam, lêem e se atualizam sabem que a sociedade está mudando, assim como os papéis do homem e da mulher. “Discutir as relações de gênero é, antes de tudo, atribuir novos significados à nossa própria história e cultura”, explica Daniela Finco, pesquisadora do Grupo de Estudos de Educação Infantil da Unicamp.

A brincadeira é uma representação da vida. Por meio dela, as crianças dão sentido às experiências por que passam e reproduzem sua relação com as pessoas

ao redor. Impedir que meninos ninem uma boneca, por exemplo, é uma das piores formas de censura. Os garotos têm visto os pais, tios e amigos de família dividindo os cuidados dos filhos com as mulheres. Ao reproduzirem esse novo modelo de masculinidade, no entanto, são rotulados de anormais.

“Há muitos estudos sobre a discriminação contra a mulher, mas só recentemente começamos a discutir o preconceito contra os homens”, afirma a socióloga Rosemeire dos Santos Brito, de São Paulo. Ela estudou por que os meninos são as principais vítimas do fracasso escolar no Ensino Fundamental. Um dos motivos, de acordo com a pesquisa, seria o preconceito dos pais e professores, que acreditam em um único modelo masculino nas classes sociais populares: o do machão, que não valoriza os estudos, atormenta as meninas e vive competindo e lutando com outros garotos. “Apesar de condenar esse comportamento, a escola ajuda a construí-lo quando reafirma a divisão entre os sexos e encara isso como natural ou sem solução”, diz Rosemeire. O exemplo mostra preconceito sexual e social. Segundo a pesquisadora, em escolas onde estudam os filhos das classes privilegiadas, os meninos gostam de ler, estudar e cuidar com zelo dos cadernos são valorizados, diferentemente do que acontece na periferia. O professor recrimina o modelo de machão, que não gosta da escola e das meninas, mas é o primeiro a questionar a sexualidade do aluno quando ele se mostra diferente desse padrão.

As meninas também se transformam em vítimas quando são tratadas como inferiores aos meninos e, pior, quando são convencidas de que isso é verdade por questões biológicas. Elas não podem falar alto, são estimuladas a serem educadas, meigas e emocionais. Além disso, aprendem que as tarefas domésticas serão suas incumbências no futuro. É como se não houvesse outra possibilidade de vida além de ser mãe e esposa.

Para criar um clima de cooperação entre meninos e meninas, e não repetir estereótipos, fique atento as informações.

- Não permita que os garotos usem a força para coagir outras crianças nem que elas recorram a um comportamento doce e meigo para conseguir o que querem deles.
- Estimule as meninas a praticar esportes e a participar de atividades que explorem conhecimentos científicos e matemáticos.
- Ofereça às crianças diferentes brinquedos, objetos, filmes e materiais didáticos para possibilitar o exercício de múltiplos papéis sociais e não apenas os estereotipados.
- Em situações de conflito, não incentive os meninos a resolverem sozinho o problema enquanto acolhe as meninas na mesma situação.
- Mostre que os meninos podem chorar sim, assim como as meninas.
- Fuja das frases feitas, que estimulam as diferenças como “meninas são delicadas” e “meninos são estabados”.

Mesmo que seja difícil romper com uma história secular da Educação sexista, os pequenos sempre darão um jeito de subverter a ordem das coisas. “Eles só querem um bom companheiro ou companheira para brincar”, conclui Daniela Finco.

**Fonte:**

**Adaptação do texto de Roberta Bencini**

**Revista Nova Escola – junho / julho 2007**